

## **ANEXOS**

*ANEXO I – FICHA DE ANAMNESE*

*ANEXO II – REGISTOS DE INCIDENTES CRÍTICOS*

*ANEXO III – AMOSTRAGEM DE ACONTECIMENTOS*

*ANEXO IV – LISTAS DE VERIFICAÇÃO*

*ANEXO V – REGISTOS FOTOGRÁFICOS*

*ANEXO VI – AVALIAÇÕES SEMANAIS PRÉ-ESCOLAR*

*ANEXO VII – PORTFÓLIO REFLEXIVO 1º CEB*

*ANEXO VIII – PLANTA DA SALA PRÉ-ESCOLAR*

*ANEXO IX – GRELHA DE LEITURA 1º CEB*

*ANEXO X – REGISTO OBSERVAÇÃO PRÉ-ESCOLAR*

*ANEXO XI – PLANIFICAÇÃO REDE PRÉ-ESCOLAR*

*ANEXO XII – PLANIFICAÇÃO LINEAR 1º CEB*

*ANEXO XIII – PLANIFICAÇÃO NÃO-LINEAR 1º CEB*

*ANEXO XIV – A INTERVENÇÃO NO PRÉ-ESCOLAR*

ANEXO I – FICHA DE ANAMNESE

**CARACTERIZAÇÃO SÓCIO-CULTURAL**

**INSTITUIÇÃO:**

**SALA:**

**EDUCADORA:**

**1. CONSTITUIÇÃO DO GRUPO**

<b>SEXO</b>		<b>TOTAL</b>
<b>FEMININO</b>		
<b>MASCULINO</b>		
<b>TOTAL</b>		

**2. TIPO DE FAMÍLIA**

<b>FAMÍLIA</b>		<b>TOTAL</b>
<b>MONOPARENTAL</b>		
<b>NUCLEAR</b>		
<b>RECOMPOSTAS</b>		
<b>ALARGADAS</b>		

<b>FAMÍLIA</b>	<b>DADOS PESSOAIS</b>		
	<b>MÃE</b>	<b>PAI</b>	<b>OUTRO</b>
<b>COM QUEM VIVE?</b>			
<b>QUEM É ENCARREGADO DE EDUCAÇÃO?</b>			
<b>IDADE DO E.E?</b>			

### 3. HABILITAÇÕES ACADÉMICAS DOS ENCARREGADOS DE EDUCAÇÃO

\*Sexo Masculino

HABILITAÇÕES ACADÉMICAS		TOTAL
4 Anos (1º ciclo)		
6 Anos (2º ciclo)		
9º Ano (3º ciclo)		
11º Ano		
12º Ano		
Bacharelato		
Licenciatura		
Mestrado		
Doutoramento		

### 4. HABILITAÇÕES ACADÉMICAS DOS ENCARREGADOS DE EDUCAÇÃO

\*Sexo Feminino

HABILITAÇÕES ACADÉMICAS		TOTAL
4 Anos (1º ciclo)		
6 Anos (2º ciclo)		
9º Ano (3º ciclo)		
11º Ano		
12º Ano		
Bacharelato		
Licenciatura		
Mestrado		
Doutoramento		

### 5. NÚMERO TOTAL DE IRMÃOS DAS CRIANÇAS

NÚMERO DE IRMÃOS		TOTAL
0 IRMÃOS		
1 IRMÃO		
2 IRMÃOS		
> 2 IRMÃOS		

## 6. TIPO DE HABITAÇÃO

HABITAÇÃO		TOTAL
ANDAR		
MORADIA		
QUARTO		
OUTROS		

## 7. SITUAÇÃO PROFISSIONAL DO ENCARREGADO DE EDUCAÇÃO

\*Sexo Masculino

SITUAÇÃO PROFISSIONAL		TOTAL
PENSIONISTA		
TRABALHADORA INDEPENDENTE		
EMPREGO		
DESEMPREGADA		
REFORMADA		

## 8. SITUAÇÃO PROFISSIONAL DO ENCARREGADO DE EDUCAÇÃO

\*Sexo Feminino

HABITAÇÃO		TOTAL
PENSIONISTA		
TRABALHADORA INDEPENDENTE		
EMPREGO		
DESEMPREGADA		
REFORMADA		



## 11. PROBLEMAS DE SAÚDE

<b>SAÚDE</b>		<b>TOTAL</b>
<b>VARICELA</b>		
<b>ASMA</b>		
<b>VISÃO</b>		
<b>AUDIÇÃO</b>		
<b>ALERGIAS</b>		

<b>CRIANÇAS ESPECIAIS</b>		<b>TOTAL</b>
<b>HIPERATIVIDADE</b>		
<b>SÍNDROMES</b>		
<b>AUTISMO</b>		
<b>EPILEPSIA</b>		

## ANEXO II – REGISTOS DE INCIDENTES CRÍTICOS

1

REGISTO DE INCIDENTE CRÍTICO	
<b>Nome da Criança:</b> M; Bru	<b>Idade:</b> 5 anos
<b>Observadora:</b> Estagiária	<b>Data:</b> 21-05-12
<b>Incidente:</b> Logo pela manhã, as crianças estavam sentadas nas mesas e a M pôs-se a brincar com a pulseira de formas. Virou-se para a estagiária e disse: -“ <i>Gostas?</i> ” A estagiária disse à criança que se moldasse a pulseira ficava com o aspeto de uma lua. E foi então que rapidamente a criança Bru disse: -“ <i>É como a lua da história &lt;A Que Sabe a Lua&gt;?</i> ”	
<b>Comentário:</b> Escolhi este registo, porque após algumas semanas de se “viver” a história na sala, a criança Bru associou a pulseira da M à lua da história.	

2

REGISTO DE INCIDENTE CRÍTICO	
<b>Nome da Criança:</b> V	<b>Idade:</b> 5 anos
<b>Observadora:</b> Estagiária	<b>Data:</b> 24-04-12
<b>Incidente:</b> Durante o período de almoço, cuja comida era arroz com ervilhas e peixe frito, a criança V virou-se para a estagiária e disse: - “Oh Rita, eu não gosto de ervilhas.” E a estagiária perguntou: - “Mas já provaste alguma vez?” – E a criança V respondeu: - “Sim já provei e não gosto. Tem um sabor esquisito”. E a estagiária insistiu mais uma vez e disse: - “Mas olha que faz bem comer ervilhas.” E uma outra criança que estava a ouvir a conversa, disse: - “Oh V, não gostas de ervilhas? Eu gosto e como tudo porque faz bem ao cérebro.” E a criança V retorquiu: - “Eu sei que faz bem ao cérebro, mas não gosto.”	
<b>Comentário:</b> Com este registo, a estagiária conclui que as crianças sabem que os alimentos fazem bem ao corpo devido às diferentes vitaminas que possuem, mas recusam-se a comê-los, afirmando que não gostam do sabor. Tal facto deverá ter as suas raízes vindas de casa, pois se a criança V não comer em casa e os pais não se importarem, não é na escola que o vai fazer.	

REGISTO DE INCIDENTE CRÍTICO	
<b>Nome da Criança:</b> M; LA	<b>Idade:</b> 5 anos
<b>Observadora:</b> Estagiária	<b>Data:</b> 26-04-12
<b>Incidente:</b> Na aula de sessão de movimento, num primeiro grupo, a estagiária fez a aula com nove crianças, incluindo a criança M. Esta criança começou a aula já demasiada agitada, devido ao facto de fazer anos, e durante a explicação dos exercícios a estagiária sentiu grande dificuldade em mantê-la sossegada e durante a explicação do terceiro jogo, a estagiária teve que “ameaçar” que a mandava para a sala. Continuou a fazer palhaças, e a criança LA disse: - “Oh M está quieta. Não vês que a Rita quer falar?”	
<b>Comentário:</b> Com este registo, a estagiária percebe que algo se passa com a criança, e que não se trata apenas de um simples teste de paciência, dado que o mesmo acontece sistematicamente nos outros dias. Quanto ao resto, verificou-se que mesmo com as outras crianças a chamarem-lhe à atenção, a sua postura não mudou, faltando ainda ao respeito aos colegas.	

ANEXO III – AMOSTRAGEM DE ACONTECIMENTOS

**Objectivo da observação:** Escolha das crianças

**Grupo:** M, La, B.G, G, I

**Data:** 16-05-12

**Observadora:**

**Tempo de observação:** 10h – 10h30 min

	10h00	10h05	10h10	10h15	10h20	10h25	10h30
Biblioteca	I →				→ M		
Desenho			→		→ La	→ M	
					→ B.G.		
Computador	M →						
Jogos	La →		→ M				
	B.G. →						
Construções	G →	→	→	→	→	→	→

ANEXO IV – LISTAS DE VERIFICAÇÃO

1

<b>Escola:</b>	Ano letivo: 20011 / 2012
<b>Data:</b> 23-4-12	Turma (idade crianças): 5 anos

**EXPERIÊNCIA: “O PAPEL ABSORVE A ÁGUA OU NÃO?”**

Nome Criança	Está atento		Ajuda os colegas		Arruma o material		É cuidadoso com o material		Leva a tarefa até ao fim		Tem dificuldade no registo		Perturba os colegas durante o exercício	
	SIM	NÃO	SIM	NÃO	SIM	NÃO	SIM	NÃO	SIM	NÃO	SIM	NÃO	SIM	NÃO
M	X		X		X		X		X			X		
T														
I	X			X	X		X		X			X		X
LA	X		X		X		X		X			X		X
B.G.	X		X		X		X		X			X		X
B.S.														
B.A.	X		X		X		X		X			X		X
LU	X		X		X		X		X	X				X
LE	X		X		X		X		X			X		X
F														
D	X		X		X		X		X			X		X
A.R.	X		X		X		X		X			X		X
MAR	X		X		X		X		X	X				X
G.F.														
G.C.	X		X		X		X		X			X		X
G	X		X		X		X		X			X		X
S	X		X		X		X		X			X		X
B	X			X	X			X	X				X	
D.G.	X			X	X			X	X				X	
LEL	X		X		X		X		X			X		X
V	X		X		X		X		X			X		X

### AValiação DA SESSÃO DE MOVIMENTO Nº 5

Escola:	Ano letivo: 20011 / 2012
Data: 26-4-12	Turma (idade crianças): 5 anos

#### ESTRUTURAÇÃO ESPACIAL

Nome Criança	Compreende e aceita regras	Distingue Lateralidade	Faz aquecimento	Faz relaxamento	Faz as somas lançadas	Agrupa-se mediante o resultado da soma	Reconhece em cima/ em baixo/ à frente / atrás, de acordo com pontos de referência
M	N	S	N	N	S	S	S
T	S	S	S	S	N	N	S
I							
LA	S	S	S	S	S	S	S
B.G.							
B.S.							
B.A.							
LU	+/-	N	S	S	N	N	S
LE	S	S	S	S	S	S	S
F							
D	S	S	S	S	S	S	S
A.R.	S	S	S	S	S	S	S
MAR							
G.F							
G.C.	S	S	S	S	S	S	S
G	S	S	S	S	S	S	S
S							
B	N	S	N	N	S	S	S
D.G.	+/-	N	S	S	S	N	S
LEL	S	N	S	S	S	N	S
V	S	S	S	S	S	S	S

ANEXO V – REGISTOS FOTOGRÁFICOS



Figura 1 - Construção do Bilhete de Identidade



Figura 2 - Móveis tamanho das crianças



Figura 3 - Disposição da Sala



Figura 4 - Trabalhos afixados



Figura 5 - Desenho da Figura Humana



Figura 6 - Experiência Escrita Invisível



Figura 7 - Teatro da Sala



Figura 8 - Planificação "Os três porquinhos"



27 de Maio de 2012

## **CAPACIDADES, EXPECTATIVAS, LIMITAÇÕES E OBSTÁCULOS ENCONTRADOS**

Com a intervenção no estágio surgem os medos, as expectativas, as limitações e os obstáculos. Foi uma experiência nova que me permitiu entrar em contacto com uma realidade em que outrora tinha estado presente, mas no papel de criança. E agora, pude vivenciá-la no papel de educadora, onde as atenções estavam centradas em nós, onde temos que estar preparadas para qualquer pergunta, e aliás para qualquer coisa. E assumo, que apesar de estar bastante ansiosa com este estágio, o medo e o nervosismo tomaram conta de mim nos primeiros dias.

**O maior medo predominava sobre o grupo de crianças com quem iria trabalhar e também sobre a Educadora. Será que eles vão gostar de mim? Será que vou ser capaz de ter uma resposta imediata para lhes dar? Será que vão respeitar-me ou me vão ver como uma irmã mais velha? Será que vão gostar das minhas ideias? Será que se vão interessar pelas atividades que levo?** Por outro lado, sentia uma enorme vontade de conhecer mais estas crianças, saber quem eram, de onde vinham e como eram. Queria ainda conhecer a instituição, e claro criar laços afetivos com todo o pessoal, docente e não docente, inclusive pais e crianças, para assim alcançar da melhor forma possível, o espírito do trabalho em equipa que tanto é vivenciado na instituição. Mas, apesar desta determinação toda, o medo não desapareceu. E com o medo, veio a expectativa de ser bem recebida, e também se a Educadora iria ou não gostar de mim, porque afinal de contas a sala é dela, os meninos são dela e eu, não queria de todo ser vista como uma ameaça.

Contudo, penso que um dos maiores obstáculos recaiu na Educadora, visto que ao princípio era uma pessoa reservada e que não mostrava muito de si, mas com o passar do tempo as coisas modificaram e ganhei bastantes feedbacks do meu trabalho ao longo dos dias. É claro, que depois de uma situação em que nós somos o centro das atenções, gostamos sempre de saber como correu e o que devemos ou não melhorar. E assim aconteceu comigo em algumas das situações, e apesar de alguns feedbacks serem negativos, confesso que me ajudaram bastante a crescer enquanto formanda, pois apesar de ter aceite todas os reparos feitos pela Educadora, também fui aprendendo muito com os conhecimentos que me transmitiu. Em que aspetos? Principalmente, no que diz respeito ao modo de apresentar uma atividade às crianças, pois inicialmente tinha a ideia de que era apenas necessário explicar-lhes o

que tinham de fazer. Mas ao longo da minha intervenção, reparei que isso é o mínimo que se deve fazer, pois o mais importante incide em interagir com eles, dar-lhes alguma informação antes de partir para a prática propriamente dita. Ter um diálogo, questionar-lhes sobre o que acham que vai acontecer caso seja uma experiência, perguntar se já era do seu conhecimento ou é uma novidade. E, chegando agora à reta final do estágio, sinto que cresci bastante, pois ainda me lembro da primeira atividade que lhes levei, o conto redondo com objetos. Disse-lhes para se sentarem nas mesas e expliquei-lhes o que é que eles tinham que fazer, e de certa forma foi interessante porque após a distribuição das imagens e após ter dado início à história com as famosas palavras mágicas “Era uma vez...”, verifiquei que não podia estar à espera que eles dissessem uma frase após terem observado a imagem. E foi, precisamente nesta atividade que a Educadora me mostrou que era crucial ir dialogando com eles, não só para um maior enriquecimento da história, mas também para de certa forma “puxar” por eles. No entanto, apesar de às vezes, a mesma, elevar o tom de voz às crianças só demonstra que tem “pulso” firme sobre elas, já para não falar que esta Educadora é um exemplo a seguir. E porquê? Porque é criativa, transmite segurança, é amiga, é dedicada ao trabalho, preocupa-se com as crianças, na medida em que *“fomenta a cooperação entre as crianças, garantindo que todas se sintam valorizadas e integradas no grupo”* assim como se *“relaciona com as crianças por forma a favorecer a segurança afectiva e a promover a sua autonomia”* (in Decreto-Lei, nº 241/2001, 30 de Agosto). Por outro lado, pode ser “má” em algumas situações, pode ralhar com as crianças, pode chamar-lhes à atenção, mas todas as repreensões que lhes faz é para o bem deles, para se tornarem bons cidadãos.

Posso também averiguar que o modo de trabalho que se faz nesta sala vai de encontro com a Metodologia de Projeto, e que apesar de o projeto de sala, “O Teatro”, já ter começado antes da minha intervenção, tive a oportunidade de aprender a trabalhar nas fases que esta pedagogia engloba. E, neste aspeto sinto que evolui, pois como em certas unidades curriculares já tinha abordado esta Metodologia, sabia exatamente o que era suposto fazer, ou seja, que em primeiro lugar é preciso planificar com as crianças tendo em conta os seus interesses, numa fase posterior levar o projeto avante, mas não esquecendo de lhes perguntar o que já se fez e o que ainda falta fazer. É também fulcral divulgar o projeto à comunidade e no final fazer uma avaliação com as crianças, para que percebam o que correu bem ou mal. Assim, e tendo adorado trabalhar com este modelo pedagógico, como futura educadora penso que vou investir bastante nesta metodologia, porque apesar dos interesses das crianças serem o foco principal, acho que o poder de um projeto numa sala faz com que todas as crianças tenham vontade de conhecer mais sobre o tema e, no fundo, de

serem pequenos investigadores. Pois, com um projeto surgem as pesquisas para conhecer melhor o tema, surge o envolvimento das famílias, surge o aumento dos conhecimentos, surge a planificação com as crianças, enfim, é uma porta que se abre para um mundo novo, tendo ainda a vantagem de transformar a sala de acordo com o tema, levando as crianças não só a conhecer as suas características como também a sonhar e a brincar ao faz-de-conta.

Porém, e lembrando o início do estágio, averiguo que inicialmente sentia-me um pouco desconfortável em planificar, pois o meu conhecimento sobre este tema era apenas teórico e eu pensava “mas afinal como é que se planifica na prática?” e portanto sempre que tinha que planificar com as crianças, o medo voltava a assombrar-me. No entanto, ultrapassei este grande obstáculo, pois verifiquei que a Educadora *“observa cada criança, bem como os pequenos grupos e o grande grupo, com vista a uma planificação de atividades e projetos adequados às necessidades da criança e do grupo e aos objetivos de desenvolvimento e da aprendizagem”* (in Decreto-Lei, nº 241/2001, 30 de Agosto). Desta forma, considero que com o passar do tempo, fui sabendo quais os primeiros passos a dar bem como qual a importância que a planificação tem no dia-a-dia das crianças. E, na verdade tem um grande impacto, pois planifica-se *“a intervenção educativa de forma integrada e flexível”*, mas também tendo em conta não só *“os dados recolhidos na observação e na avaliação”* bem como *“as propostas explícitas ou implícitas das crianças, as temáticas e as situações imprevistas emergentes no processo educativo”* (in Decreto-Lei, nº 241/2001, 30 de Agosto). Assim, a quase uma semana do final do estágio, orgulho-me de afirmar que sei planificar com as crianças, bem como trabalhar e dinamizar o projeto, mediante os seus interesses. É óbvio que não foram atitudes imediatas. Quando entrei neste ambiente educativo, o meu principal objetivo era observar as crianças, não só para criar laços com elas mas também para ver quais os seus interesses, onde mais gostavam de brincar, o que mais gostavam de fazer. Precisava de conhecê-las para saber que aspetos deveria ter em conta na escolha das atividades, quer pertencentes à sua rotina quer inseridas no projeto, já que *“observar cada criança e o grupo para conhecer as suas capacidades, interesses e dificuldades, recolher as informações necessárias sobre o contexto familiar e o meio em que as crianças vivem, são práticas necessárias para compreender melhor as características das crianças e adequar o processo educativo às suas necessidades”*, visto que *“a observação constitui, a base do planeamento e da avaliação, servindo de suporte à intencionalidade do processo educativo”* (in OCPEPE, 1997:25). No entanto, observar as crianças não é suficiente, e penso que as conhecemos melhor se interagirmos com elas. Elas também necessitam de nos conhecer, para saber que têm ali mais um porto de abrigo, para saberem quem

nós somos, de onde viemos e para assim poder existir uma troca de carinhos e então criar laços afetivos. Só depois de ter alcançado estes dois suportes, é que posso começar a construir a ponte. E que ferramentas me vão ajudar na sua construção? Será a planificação? Será a intervenção? Será a avaliação? Ou serão todas juntas? Como futura profissional considero que estes fatores são cruciais para o desenvolvimento da criança cada um à sua maneira, pois apesar de todos se centrarem na criança, têm objetivos diferentes. Mas afinal porque é tão importante planificar? Porque após uma interação com as crianças, e conhecendo os seus interesses, é necessário tentar perceber o que, enquanto grupo, gostariam de conhecer e investigar, mas ainda mais importante é fazer com que as crianças participem na planificação, pois *“o planeamento realizado com a participação das crianças, permite ao grupo beneficiar da sua diversidade, das capacidades e competências de cada criança, num processo de partilha facilitador da aprendizagem e do desenvolvimento de todas e de cada uma”* (in OCEPE, 1997:26). Continuando nesta linha de ação, entra a importância de *“concretizar na ação as suas intenções educativas, adaptando-as às propostas das crianças e tirando partido das situações e oportunidades imprevistas”* alargando assim *“as interações das crianças”* e enriquecendo *“o processo educativo”*. Com isto quero dizer que o educador não se deve ficar pela planificação, mas sim levá-la até ao fim, de forma a não desmotivar as crianças, e trabalhando com elas na construção do que foi acordado. Porém, convém, à medida que o projeto evolui, questionar as crianças sobre o que já foi feito e o que ainda falta fazer, fornecendo-lhes aprendizagens significativas, bem como o sentido de responsabilidade. Por fim, surge a avaliação do projeto, que é a ferramenta fortalecedora da ponte e que serve de suporte à planificação, uma vez que é importante que as crianças tenham a noção e consciência do que fizeram e portanto cabe ao educador fazer *“a sua reflexão, a partir dos efeitos que vai observando”* possibilitando-lhe *“estabelecer a progressão das aprendizagens a desenvolver com cada criança.”* Contudo, ao longo de todo este processo não devemos esquecer a participação dos pais, pois *“o conhecimento que o educador adquire da criança e do modo como esta evolui é enriquecido pela partilha com outros adultos que também têm responsabilidades na sua educação”* (in OCEPE, 1997:27).

Todavia, a maior limitação esteve relacionada com o fator tempo, pois muitas das vezes não conseguia dar continuidade às atividades iniciadas, ora porque não estamos todos os dias no estágio, ora porque temos aulas.

Quanto ao grupo, durante os primeiros dias de estágio apenas os observei e brinquei com eles, o que facilitou bastante a minha integração nesta sala. Contudo, e apesar de ter conquistado a maioria das crianças, que não posso deixar de referir o quanto são

amorosas e educadas, ainda sinto uma grande dificuldade em relacionar-me com duas delas. E quando digo a palavra “relacionar” não é no sentido afetivo, mas sim no sentido de respeito, e portanto ainda sinto um pequeno obstáculo no que diz respeito ao grupo.

Mas, nesta profissão nem tudo é uma limitação ou um obstáculo que precisa de ser ultrapassado. Basta ter a capacidade para amar cada criança como única e ao mesmo tempo como um todo, para observar os seus interesses, para lhes transmitir conhecimentos que lhes vão ser úteis em toda a sua vida.

Porém, agora apenas tenho que continuar a trabalhar para assim conseguir superar os meus pontos fracos e enriquecer os fortes, mais concretamente no que concerne a gestão do tempo. Enquanto profissional, considero que para se ser um bom educador é muito importante ser-se organizado, pois se não me conseguir organizar e estruturar as minhas ideias como é que vou poder inculcar o sentido de organização nas crianças? E não só, porque também vai influenciar a dinâmica do que pretendo que eles conheçam, das atividades que lhes levarei, da rotina das crianças. Contudo, também sinto a necessidade de conhecer estratégias para que as crianças me respeitem e obedeçam, porque apesar de ter domínio sobre o grupo, ainda sinto que às vezes me faltam um pouco ao respeito, seja a imitar o que digo, seja a “responder”, por exemplo eu digo “1,2..” porque sei que eles se vão acalmar, mas todavia tenho algumas crianças que respondem com “3,4,5..”.

## ANEXO VII – PORTFÓLIO REFLEXIVO 1º CEB

6 de Janeiro de 2013

Planificar é uma ação que requer uma capacidade de articulação entre vários conteúdos, com vista a ser dinâmica e ao mesmo tempo flexível aos interesses dos alunos. Porém, é ainda mais importante que seja de fácil leitura e de fácil perceção, não só para quem a elaborou mas também perante os olhares externos.

Deste modo, após as primeiras intervenções efetuadas pela estagiária, **foi imprescindível modificar a planificação anteriormente utilizada, a fim de ficar mais clara e operacional. Não quer dizer que a primeira estivesse errada, mas as conclusões que se conseguiam retirar eram poucas ou quase nenhuma, e talvez por esta razão se tornou necessário substituir e acrescentar alguns aspetos (domínio por bloco) bem como ser mais específica e ao mesmo tempo sucinta nos objetivos.** Todavia, apesar de se achar que já não são precisas mais reformulações na planificação em tabela, pensa-se que a forma de facilitar a leitura da mesma será através de um esquema ou de uma planificação em rede.

Relativamente às limitações, pensa-se que quando uma atividade ou uma aula lecionada não acontece da forma esperada, seria importante analisar os erros cometidos, para não se repetirem numa próxima vez, pelo que é necessário tentar entender o que se pretende que os alunos alcancem, ajudando de certa forma a estruturar o seu pensamento e adequar a sua estratégia. Sendo assim, no decorrer das aulas dadas, foi possível observar que existiram momentos em que a futura profissional de educação sentiu dificuldades em se explicar, notório aquando a não compreensão da turma perante uma certa matéria. Nesta situação, a limitação encontrada é o facto de não ter sido possível prosseguir com a seção, previamente planeada e portanto, explicar o conceito de formas diversificadas, seria uma possível medida a adotar.

No entanto, já em casa, a estagiária fez uma retrospectiva do seu dia, analisando o que tinha sido atingido com sucesso e quais os entraves, constatando que de modo a promover o sucesso nos alunos, a melhor solução seria após a explicação de algo pedir a alguém que, por palavras suas, dissesse o que tinha percebido. Esta estratégia foi utilizada em aulas seguintes, e pode-se concluir que foi uma excelente tática, pois por um lado fazia com que a turma estivesse atenta e por outro, permite à estagiária averiguar se a estratégia era adequada ou não.

No que concerne a utilização de grelhas de observação, como já se sabe, ao longo do estágio foram usadas, sempre que possível, grelhas de leitura. Estas permitiam analisar o modo como os alunos liam os textos, mas também verificar se existia ou

não evolução, visto que foram preenchidas em cada intervenção. A estagiária **optou por introduzir estas grelhas na sua planificação, uma vez que aquando a leitura de textos, era proposto pela professora cooperante que se promovesse diversas formas de leitura, pois alguns alunos não eram estimulados em casa.** Quanto aos registos de avaliação, vários serviram de tentativas. **Inicialmente usufruiu-se de grelhas onde os alunos liam a pergunta e a resposta era dada ao pintarem a cara da cor correspondente à legenda. Este modo de avaliarem se entenderam as aulas e, simultaneamente, o seu comportamento apenas foi utilitária nos primeiros dias de estágio, dado que a uma certa altura a turma já não lia as respostas e pintavam da cor que lhes apetecia, pelo que chegou-se à conclusão que o facto de ser realizado em todas as intervenções, tornava o momento cansativo e repetitivo. Houve então, a necessidade de se mudar de estratégia, e pensou-se que seria interessante responderem a três perguntas efetuadas. Porém, não foi atingida com êxito, porque os alunos dispensavam imenso tempo a pensar e a escrever a sua opinião, atrasando o avanço da matéria.** Mais uma vez, pensou-se numa nova medida, e concluiu-se que talvez a melhor solução seria uma avaliação mais simples e ao mesmo tempo lúdica. Apesar de avaliar apenas os comportamentos dos alunos, a introdução do Semáforo do Comportamento e, na época natalícia, o Gorro do Comportamento, obteve sucesso na turma. Como? Na medida em que, para a sua mola não ser colocada na cara vermelha, os alunos estavam atentos e não mantinham conversas paralelas.

Por fim, e quanto à estratégia implementada com sucesso na sala de aula, pensa-se que foram os Desafios de Natal, na qual era pedido a cada aluno que, dia após dia, durante o mês de dezembro, abrissem um desafio com uma proposta de atividade. Só o facto de eles saberem que nesse dia eram os próprios a responder ao desafio já se encontravam todos exaltados, e raros eram os alunos que se esqueciam de a elaborar. Uma perspetiva distinta de promover nos alunos a resolução de problemas e exercícios. Quanto à atividade, acha-se que não foi só uma, mas sim duas que resultaram Muito Bem. E delas constam o Jogo da Glória como meio de avaliação dos conteúdos abordados até àquele instante e a leitura do texto “Na terra do pai natal”.

O jogo da Glória, porque os alunos **mostraram-se empenhados em conseguir responder à questão, para adquirir pontos na sua equipa. Considera-se que foi alcançada através de uma simples brincadeira, pelo que reveram a matéria toda. Quando não conseguiam dar alguma resposta, ficavam cabibaixos, mas nas aulas seguintes demonstravam um maior interesse e uma participação mais ativa.**

O texto “Na terra do pai natal”, porque através de um simples texto de natal, a estagiária conseguiu criar várias atividades extras de forma mais apelativa. O que se pensa ter corrido da melhor forma, foi os chapéus de duendes, na medida em que estes tinham que ser trabalhadores e sossegados tal como os do texto. Deste modo, pôde-se comprovar como um único chapéu, os motivou a responderem às questões. Mas, se pensarmos bem, tirando os chapéus e as surpresas, era uma aula normal como todas as outras.

4 de Outubro de 2012

Em qualquer intervenção que se faça nos estágios surgem os medos, as expectativas, as limitações e os obstáculos. O medo **de falhar perante os alunos, a expectativa de que tudo tem de correr pelo melhor, de que tudo tem que estar previamente bem preparado para não se sentir nenhuma avalanche de insegurança nos dias que antecedem a aula a dar.** Porque agora estamos a **vivenciar toda esta experiência no papel de professora, onde as atenções serão focadas em nós e, portanto temos que estar preparadas para qualquer pergunta, para qualquer coisa.** No entanto, apesar de estar bastante ansiosa com este estágio, assumo que o medo e o nervosismo tomaram conta de mim nos primeiros dias, sendo que o maior medo predominava sobre a turma. **Será que vou ser capaz de responder às suas questões? Será que vão aderir às minhas atividades? Será que me vão respeitar?** Mas ao longo destas poucas semanas de estágio aprendi que se fizer uma boa planificação das aulas tendo em conta os conteúdos que estão a dar, se levar atividades interessantes, se planificar com antecedência, o resultado tem todos os requisitos para correr bem. Até porque ao termos tudo preparado, tudo estudado, tudo planificado, ganhamos uma maior segurança e auto confiança em nós próprias. **Um outro medo recaiu na professora, no simples facto “será que vou conseguir criar laços afetivos com a docente?”**, tendo em conta a má experiência ocorrida no estágio anterior. Contudo, **este medo evaporou-se rapidamente, porque a professora é de uma enorme simpatia e prontifica-se a ajudar. Desta forma, aprendi que é fulcral as aulas correrem bem, mas caso alguma não corra de acordo com o previsto não há problema, visto que estamos ali para aprender a dar aulas.**

Sendo assim, dos muitos objetivos que existem, até agora defini que o importante será conhecer as crianças para poder agir em conformidade com as características de cada uma, para poder planificar as aulas, para adequar as estratégias de ensino. Outros objetivos que pretendo atingir incidem em alcançar o respeito da turma, ter domínio sobre a mesma e saber como motivar os alunos para as próximas aulas.

ANEXO IX – GRELHA DE LEITURA 1º CEB

Nome Aluno	PRONÚNCIA			VOZ		TOM			RITMO		
	Soleturada -mente	Corrente	Expressiva	Clara	Pouco clara	Baixo	Normal	Alto	Lento	Normal	Rápido
A. C.			X	X			X			X	
A. L.		X		X		X				X	
B. B.			X	X				X		X	
B. F.		X		X		X			X		
B		X		X			X			X	
C	X			X			X			X	
F. <sup>a</sup>			X	X			X			X	
F			X	X			X				X
G		X		X				X			X
I		X		X			X			X	
J. L.			X	X			X			X	
J. P.		X		X			X			X	
Lou		X		X			X			X	
L		X		X			X		X		
M. <sup>a</sup> C.	X			X		X			X		
M. <sup>a</sup> Con		X		X			X			X	
M. <sup>a</sup>			X	X			X			X	
M. S.		X		X			X			X	
M		X		X		X				X	
M. L.		X		X			X		X		
M. G.	X			X		X			X		
R		X		X		X			X		
S	X			X			X		X		
T		X		X			X			X	
To			X	X			X			X	
X			X	X			X				X

## ANEXO X - REGISTO OBSERVAÇÃO PRÉ-ESCOLAR

1

**Quinta-feira, 15 de Março de 2012**

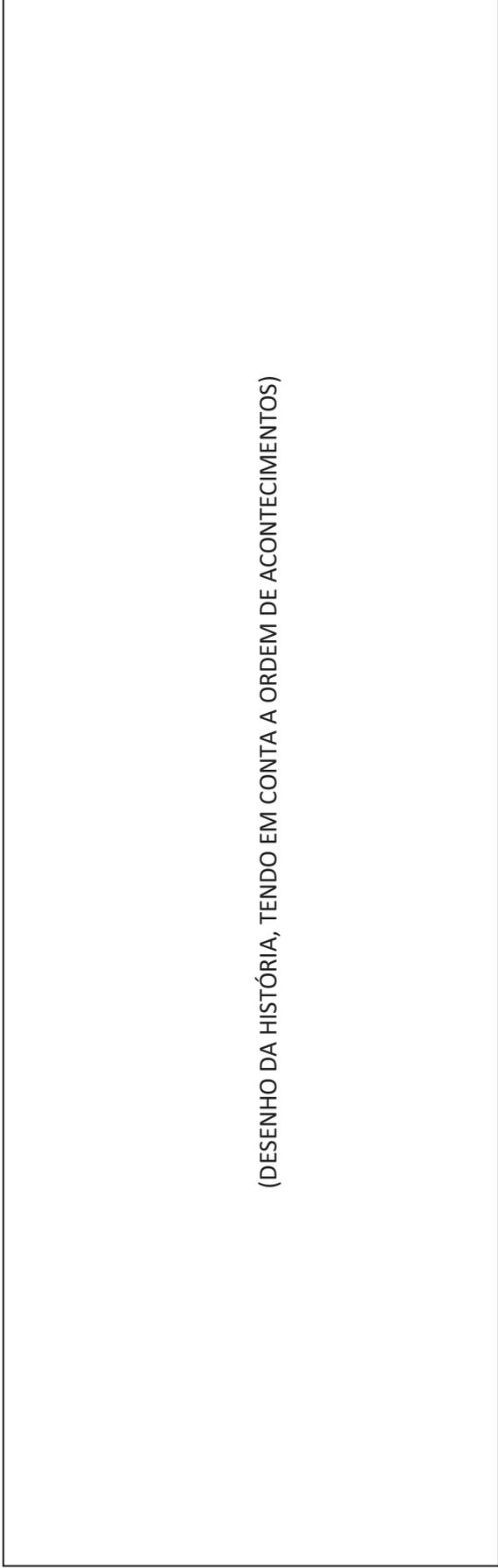
Hoje, durante a aula de sessão de movimento, cujo tema incide na Lateralidade, Estruturação Espacial e Jogos, apresentei aos meninos o jogo “Os pássaros e as árvores” cujo objetivo consiste em saber se a criança sabe colocar-se nas respetivas posições que a educadora for dizendo. Dei início ao jogo, e as crianças estavam entusiasmadas, mas reparei que algumas delas não distinguiam ainda a sua lateralidade, pois quando pedi que se colocassem à direita das “árvores”, a criança LU pôs-se à esquerda e foi automaticamente chamada à atenção por uma outras criança, que lhe disse: *“é para colocar à direita, achas que essa é a tua direita?”*.

2

NOME: \_\_\_\_\_ NOME DA CRIANÇA \_\_\_\_\_

DATA: \_\_\_\_\_ DATA \_\_\_\_\_

HISTÓRIA: \_\_\_\_\_ NOME DA HISTÓRIA "A QUE SABE A LUA ?" \_\_\_\_\_

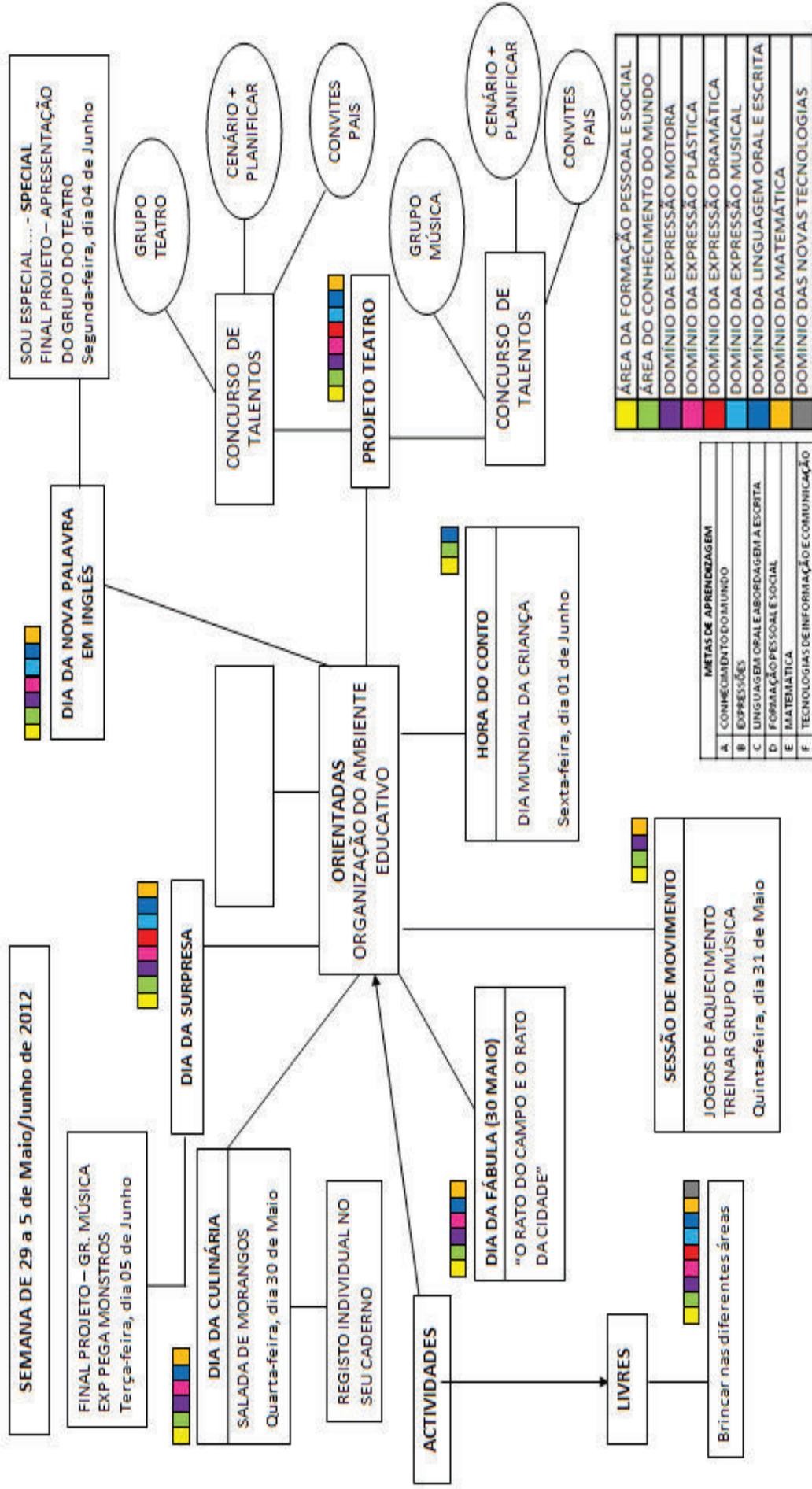


(DESENHO DA HISTÓRIA, TENDO EM CONTA A ORDEM DE ACONTECIMENTOS)

OBSERVAÇÕES: \_\_\_\_\_ COMENTÁRIO QUE A CRIANÇA FAÇA DA HISTÓRIA - EXEMPLO: DIZER A QUE LHE SABE A LUA \_\_\_\_\_

---

# ANEXO XI – PLANIFICAÇÃO REDE PRÉ-ESCOLAR



ANEXO XII – PLANIFICAÇÃO LINEAR 1º CEB  
**PLANIFICAÇÃO “TEXTO LITERÁRIO / INSTRUCIONAL”**

<b>Instituição:</b>	
<b>Turma:</b>	<b>Data:</b> 12 E 13 DE NOVEMBRO DE 2012
<b>Professora Supervisora:</b>	<b>Estagiária:</b>
<b>Áreas do Currículo:</b> PORTUGUÊS / EXPRESSÃO MOTORA	
<b>Número de alunos:</b> 26	<b>Orientadora Cooperante:</b>

DOMÍNIOS	CONTEÚDOS	OBJETIVOS	ATIVIDADES A REALIZAR (ORDEM CRONOLÓGICA)	TEMPO (APROX.)	RECURSOS	ESTRATÉGIA AVALIATIVA
<b>ORALIDADE</b>	-TEMA E ASSUNTO	-PRODUZIR UM DISCURSO ORAL COM CORREÇÃO.	<u>12 DE NOVEMBRO: 11H ÀS 12H</u>	30 MIN	<u>RECURSOS MATERIAIS:</u> -LIVRO DE FICHAS DE PORTUGUÊS	GRELHA DE LEITURA (ANEXO 1)
<b>LEITURA E ESCRITA</b>	-IDEIA PRINCIPAL	-PRESTAR ATENÇÃO AO QUE OUVE DE MODO A POSSIBILITAR AQUISIÇÃO DE NOVO VOCABULÁRIO.	-LEITURA DO TEXTO “A RÁ MAINU”	5 MIN	-LÁPIS	JOGO DA GLÓRIA (ANEXO 2)
<b>GRAMÁTICA</b>	-LEITURA ORIENTADA		-PREENCHER OS ESPAÇOS EM BRANCO DO TEXTO	10 MIN	-BORRACHA	
	-VOCABULÁRIO		-RESPONDER A QUESTÕES SOBRE O TEXTO	15 MIN	-JOGO DA GLÓRIA	
	-TEXTO NARRATIVO	-LER SILENCIOSAMENTE E EM VOZ ALTA	<u>13 NOVEMBRO: 13H30H ÀS 15H30</u>		<u>RECURSOS HUMANOS:</u> - ESTAGIÁRIAS	
	-AUTOR	-LER COM PROGRESSIVA AUTONOMIA PEQUENOS TEXTOS:	-EXPLORAÇÃO: JOGO DA MACACA, DO LIVRO DE FICHAS PORTUGUÊS	10 MIN	- PROFESSORA	
	-PLANIFICAÇÃO DE TEXTOS	✓ LOCALIZAR INFORMAÇÃO ✓ RESPONDER A QUESTÕES ✓ RELACIONAR A INFORMAÇÃO LIDA COM CONHECIMENTO	-DESCRIÇÃO DE UM NOVO JOGO: ✓ FALAR SOBRE O JOGO ✓ ESCREVER AS REGRAS ✓ ENUNCIAR MATERIAL	20 MIN	- ALUNOS	

		<p>MENTOS EXTERIORES</p> <p>-ESCREVER PEQUENOS TEXTOS INSTRUCIONAIS</p> <p>-COMPREENDER FORMAS DE ORGANIZAÇÃO DO LÉXICO:</p> <p>✓ PRODUZIR PALAVRAS POR ALTERAÇÃO DE ELEMENTOS.</p>	<p>-JOGAR O JOGO DA GLÓRIA COMO AVALIAÇÃO DOS CONTEÚDOS.</p>	<p>1H30 MIN</p>		
--	--	---	--	-----------------	--	--

## ANEXO XIII – PLANIFICAÇÃO NÃO-LINEAR 1º CEB

### ESTAGIÁRIA:

27 E 28 DE NOVEMBRO DE 2012

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO PAULA FRASSINETTI

ESTÁGIO II EM ENSINO BÁSICO – 1º CICLO

PROFESSORA SUPERVISORA:

INSTITUIÇÃO:

ORIENTADORA COOPERANTE:

TURMA:

### CONTEÚDOS

PORTUGUÊS: UNIDADE 4 – COM OS OUTROS

- POESIA

- LEITURA ORIENTADA

- TEMA E ASSUNTO

- TIPOS DE PERGUNTAS

MATEMÁTICA

- ORIENTAÇÃO ESPACIAL

### OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM

- LER SILENCIOSAMENTE E EM VOZ ALTA.

- LOCALIZAR INFORMAÇÃO PRETENDIDA.

- RESPONDER, ORAL / ESCRITO, A QUESTÕES SOBRE O POEMA.

- REALIZAR, REPRESENTAR E COMPARAR DIFERENTES ITINERÁRIOS LIGANDO OS MESMOS PONTOS E UTILIZANDO PONTOS DE REFERÊNCIA.

- LER E DESENHAR PLANTAS SIMPLES.

- INTERPRETAR E REPRESENTAR INFORMAÇÃO E IDEIAS MATEMÁTICAS REPRESENTADAS DE DIVERSAS FORMAS.

- DISCUTIR RESULTADOS, PROCESSOS E IDEIAS MATEMÁTICAS.

### OPORTUNIDADES DE INTERVENÇÃO

- RELEMBRAR REGRAS DE SALA DE AULA.

- FALAR SOBRE A IMPORTÂNCIA DA INTER-AJUDA.

- DIALOGAR COM A TURMA SOBRE AS PALAVRAS

DO POEMA QUE SE RELACIONAM COM O NATAL.

- EXPLICAR O QUE É UM ACRÓSTICO.

- RECORDAR IMPORTÂNCIA DO USO DE PONTOS DE REFERÊNCIA .

### TRANSITADO DE SESSÕES ANTERIORES

ORIENTAÇÃO ESPACIAL

- ITINERÁRIOS / PONTOS REFERÊNCIA

## BEM – VINDOS À TERRA DO PAI NATAL

### HORÁRIOS PROVÁVEIS

27 DE NOVEMBRO

LEITURA / EXPLORAÇÃO DO POEMA - 11H ATÉ 12H

RESPONDER A QUESTÕES / ACRÓSTICO / CALENDÁRIO ADVENTO /

ITINERÁRIOS – 13H30 ATÉ 15H30

28 DE NOVEMBRO

DIÁLOGO SOBRE ITINERÁRIOS. PLANTAS / EXERCÍCIOS – 9H ATÉ 12H

### ESTRATÉGIA AVALIATIVA

- GRELHA DE LEITURA (ANEXO 1)

- ACRÓSTICO (ANEXO 2)

- GORRO DO COMPORTAMENTO (ANEXO 3)

### ATIVIDADES

LEITURA DO POEMA “NA TERRA DO PAI NATAL”

- MÚSICA DE NATAL

EXPLORAÇÃO DO POEMA

- NÚMERO DE QUADRAS

- NÚMERO DE VERSOS

- PALAVRAS RELACIONADAS COM NATAL (ANEXO 4)

RESPONDER A QUESTÕES SOBRE O POEMA

ACRÓSTICO

CALENDÁRIO DE ADVENTO

ITINERÁRIOS ENTRE OS “DUENDES”

DIÁLOGO COM A TURMA SOBRE PLANTAS E

ITINERÁRIOS E COMO SE SITUAM ATRAVÉS DE

PONTOS DE REFERÊNCIA.

RESOLUÇÃO DE EXERCÍCIOS DO MANUAL.

## ANEXO XIV – A INTERVENÇÃO NO PRÉ-ESCOLAR

No que concerne o domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, foram desenvolvidas atividades como: construção de uma história a partir de imagens e com recurso à técnica “Conto Redondo”; várias experiências e respetivos registos onde tinham que escrever o seu nome e a data; leitura do conto “Sou especial porque sou eu” e conseqüente registo “Sou especial porque...”, com o intuito de desenharem porque é que acham que são especiais; registos de planificações em teia quando se tinha em vista dramatizar determinado teatro, e desta forma, as crianças escreviam o que era necessário fazer e por baixo faziam os respetivos desenhos (ver fig.1), a construção do seu bilhete de identidade, onde tinham que escrever os seus dados e dos seus agregados familiares (ver fig.2). Relacionada com esta área, encontra-se a hora do conto, onde várias dinamizações originaram minis projetos e uma conclusão de projeto, tal como “O Soldado João”, de Luísa Ducla Soares (ver fig.3/4), apresentado em power point, “A que sabe a Lua”, de Michael Grejniec, contada através de desenhos, sendo que no final as crianças tinham que provar a “lua” – feita em cartolina – e dizer a que lhes sabia (ver fig.5). Para a conclusão do projeto foi-lhes contada a história “Concurso de Talentos” de Jo Hodgkinson.



Figura 1 – Registo de planificação

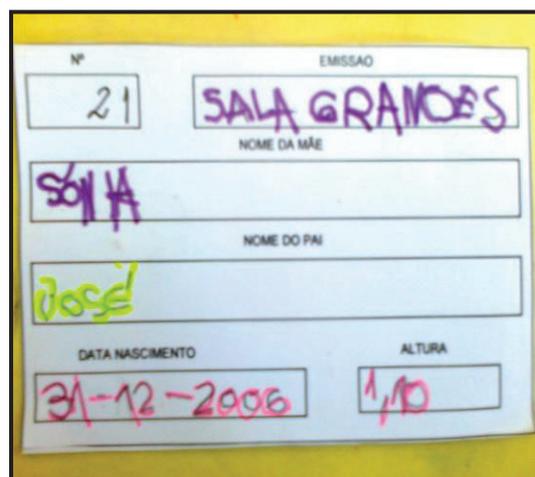


Figura 2 – Bilhete de Identidade

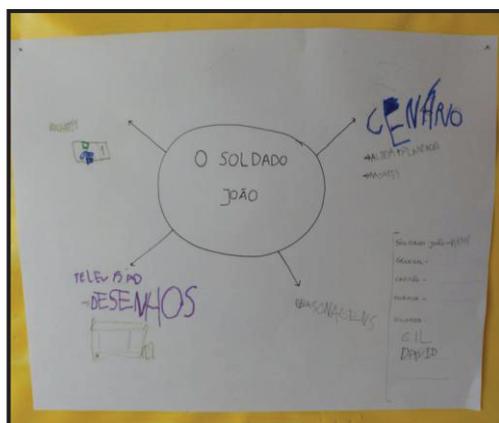


Figura 3 – Planificação



Figura 4 – Dramatização em TV

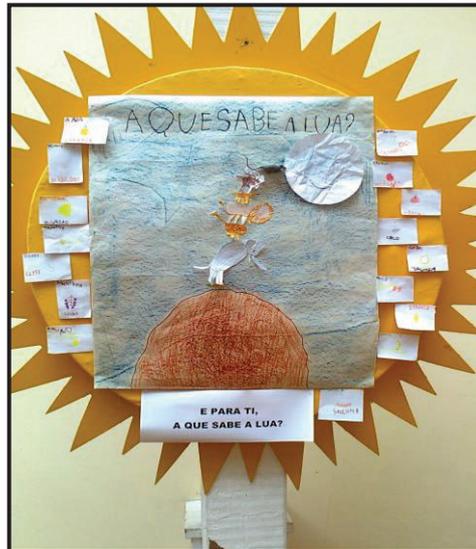


Figura 5 – Registo do conto

Quanto à Matemática, e tendo em conta que “na aprendizagem da Matemática, como em qualquer outra área, as crianças estão enormemente dependentes do ambiente e dos materiais à sua disposição, a criança deverá encontrar resposta à sua necessidade de exploração, experimentação e manipulação” (ME, 1990:130). Para tal, construíram-se diversos materiais com vista a facilitar a aprendizagem de determinados conceitos, como é o caso do jogo “Loto Numérico” onde era proposto às crianças que jogassem e identificassem os números de 1 a 10 (ver fig.6/7). Outra atividade realizada foi a ordenação de uma história (ver fig.8/9) onde as crianças tiveram que pintar, recortar, ordenar e recontar a mesma, assim como a sua elaboração através do pictograma. Porém, e no que diz respeito à construção de gráficos, estes foram realizados sempre que houve necessidade permitindo assim uma melhor visualização dos resultados, tal como votações para decidir a cor da bilheteira (ver fig.10). Com este registo, as crianças puderam realizar contagens pelos votos, assim como verbalizar as suas conclusões, através da leitura feita ao gráfico. Realizaram-se ainda atividades que se enquadrassem nas contagens, assim como recorte de notas e moedas, construção de porta-moedas, caixa registadora e elaboração de diversos bilhetes.



Figura 6 – Loto Numérico



Figura 7 – Cartões e peças do Loto



Figura 8 – Recorte e pintura das imagens



Figura 9 – Ordenar a história

QUE COR VAI TER A NOSSA BILHETEIRA?

3 <sup>o</sup>	2 <sup>o</sup>	1 <sup>o</sup>	4 <sup>o</sup>
		BEATRIZ	
BEATRIZ		LELO	
LUNA		MAISA	
LEONOR		IARA	
WALDIR	TARINE	LARA	
BENJAMIM	VICTOR	GIL	
CONY	ALDAVID	RIIA	
VERDE	AMARELO	LARANJA	CASTANHA
3	6	7	0

Figura 10 – Votação Bilheteira

Relativamente às áreas das Expressões, estas tiveram grande importância ao longo do estágio. Na parte da Expressão Plástica, e visto que esta era a área de eleição da maioria das crianças, as atividades propostas basearam-se em várias técnicas: pintura com cotonetes (ver fig.11), desenho com recurso aos blocos lógicos (ver fig.12), desenho com olhos fechados e colagens (ver fig.13).



Figura 11 – Pintura com cotonetes



Figura 12 – Desenho com blocos lógicos



Figura 13 – Colagem

Já a parte da Expressão Dramática foi o centro de todo o projeto, uma vez que as crianças expressam-se na maioria das vezes através de pequenas dramatizações realizadas em sala, ou jogos de “faz-de-conta”, onde para Cristie, *“o jogo imaginativo, envolvendo a representação ou o <faz-de-conta>, está ligado de perto à literacia”* pois *“à medida que as crianças crescem, este tipo de jogo torna-se cada vez mais social, envolvendo outras pessoas e uma grande variedade de objetos. As histórias tornam-se mais complexas, desenvolvendo-se dentro de cenários bem coordenados e os papéis e temas tornam-se mais criativos e fora do comum”* e portanto *“todas estas mudanças oferecem às crianças ricas oportunidades para aprender, usar e praticar a linguagem.”* (citado por Papalia, 2001:328). É de extrema importância referir a participação dos pais, pelo facto de terem ido à sala assistir às pequenas dramatizações dos filhos, inseridas no “Concurso de Talentos”.

Por fim, na intervenção com a comunidade educativa, procedeu-se à realização de duas manhãs recreativas, na qual uma incidiu na dinamização da história “Os três Chibos Sabichões”, através do fantocheiro (ver fig.14) e a outra na aprendizagem de uma coreografia de acordo com a música “A,E,I,O,U” de Ana Malhoa (ver fig.15).



Figura 14 – “Os três Chibos sabichões”



Figura 15 – Dança